
O impacto da pandemia na produção e no consumo cultural - parte 1

Roberto Noritomi
Consultor técnico legislativo-sociologia e doutor em sociologia (USP)

Todos os direitos reservados. Este trabalho poderá ser reproduzido ou transmitido na íntegra, desde que citado (as) o (as) autor (as). Reproduções para fins comerciais são proibidas.

O conteúdo deste trabalho é de responsabilidade dos autores e não representa posicionamento oficial da Câmara Municipal de São Paulo ou da Consultoria Técnico Legislativa.

O impacto da pandemia na produção e no consumo cultural - parte 1

A pandemia tem todas as características sociodinâmicas daquilo que se poderia chamar, nos termos do "Ensaio sobre a dádiva" (1925) do antropólogo Marcel Mauss, de um "fenômeno social total" ou "fato social total". Segundo Mauss, nessa categoria de fenômenos

"exprimem-se, de uma só vez, as mais diversas instituições: religiosas, jurídicas e morais – estas sendo políticas e familiares ao mesmo tempo –; econômicas – estas supondo formas particulares da produção e do consumo, ou melhor, do fornecimento e da distribuição –; sem contar os fenômenos estéticos em que resultam estes fatos e os fenômenos morfológicos que essas instituições manifestam." (Mauss, 2003, p. 187).

Nessa perspectiva, não é difícil perceber como a pandemia, deflagrada a partir de um evento biológico, acabou reverberando em todas as esferas da vida social. Cada detalhe da sociabilidade humana vem sendo impregnado por consequências diretas ou indiretas da crise pandêmica. A economia, a educação e a saúde são os pontos em que isso mais ganha destaque, por conta de seu relevo socialmente imediato. No entanto, uma esfera sempre preterida e vista como supérflua tem assumido uma centralidade ímpar nesse contexto todo. Trata-se, aqui, da cultura.

Parte da instância superestrutural, a cultura é normalmente abordada como reflexo da base infraestrutural (da economia, em particular). Mas a pandemia, além das tensões e desigualdades que acirrou, fez aflorar no campo cultural uma série de questões novas que remetem a aspectos tanto práticos e teóricos quanto formais e de conteúdo. Esta abordagem pretende apenas destacar especulativamente algumas dessas questões, procurando apontar para suas dimensões mais concretas e socialmente sensíveis. No fundo, o que se verá é mais uma incursão que se vale de dados objetivos e subjetivos provenientes de alguns testemunhos primários, de levantamentos estatísticos circunstanciais e de material da mídia.

1. O impacto sócio-econômico da pandemia no setor cultural

Assim como ocorreu em outras áreas, a pandemia atingiu visceralmente o setor da cultura. Mas nesse caso o impacto parece ter ferido a jugular de todo um sistema de produção e circulação de bens simbólicos. Pela própria natureza de sua difusão e consumo, a cultura foi a primeira a parar (e será a última a retornar). Ninguém prescinde da alimentação e dos itens e serviços básicos, mas pode prescindir facilmente da fruição cultural. Foi assim que, da milionária indústria do audiovisual até o teatro independente do centro de São Paulo, dos

mega espetáculos musicais aos músicos independentes dos bares e baladas, todos os segmentos se viram diante do adiamento indeterminado ou, na pior das hipóteses, do cancelamento das programações. De repente, estava tudo proibido de acontecer, não havia mais espaços abertos, não havia mais possibilidade do trabalho das equipes nos sets de filmagem e nos palcos em geral¹.

Os cálculos sobre esse impacto ainda são esparsos e de abrangência nacional, com poucos retratos mais regionalizados, mas é com eles que é permitido esboçar o quadro crítico do momento. Do ponto de vista das empresas produtoras de eventos e obras, a chamada "indústria cultural", as estimativas de perda de horas de trabalho e de faturamento dão margem a muitas especulações. Isso ocorre exatamente por ser um setor de fronteiras lábeis. No entanto, alguns levantamentos, muito limitados, vêm sendo feitos e permitem algumas aproximações do cenário.

Uma das primeiras pesquisas a surgir foi a realizada pela FGV em conjunto com a Secretaria Estadual de Cultura de São Paulo e o Sebrae². Aplicada entre maio e junho/2020 a 546 empresas da "economia criativa", trouxe os seguintes resultados:

- 86,6% das empresas tiveram queda de faturamento a partir de março de 2020
- 63,4% das empresas tiveram que paralisar suas atividades devido à crise gerada pela pandemia (para as atividades realizadas em espaços coletivos de massa, esse percentual é de 100%).
- 42,1% das empresas tiveram projetos cancelados devido à crise gerada pela pandemia
- Perda estimada no biênio 2020-2021: R\$ 69,2 bilhões (queda de 18,2% no período)
- 19,3% das empresas realizaram demissões

A "economia criativa" extrapola o setor cultural, mas já oferece alguns indicativos do grau de impacto econômico da pandemia e das projeções de perda de renda. Um outro estudo, específico sobre o setor cultural, traz um recorte mais preciso sobre a perda financeira ao longo dos três meses iniciais de paralisação das atividades. Concluído em abril/2020 pelo Cedeplar - Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da UFMG, o estudo mostra que "em termos monetários, o impacto da paralisação da prestação de serviços artísticos e culturais fora do domicílio por três meses seria de queda de R\$ 11,1 bilhões no valor da produção da economia brasileira"³.

¹ Os adiamentos foram anunciados desde a primeira quinzena de março, com uma lista extensa de mega eventos no mundo inteiro (<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2020/03/13/coronavirus-veja-lista-de-shows-festivais-lancamentos-de-filmes-cancelados-por-conta-da-pandemia.ghtml>)

² "Conjuntura do setor de Economia Criativa Efeitos da crise da Covid-19" (<http://www.cultura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2020/07/Pesquisa-FGV-Impacto-pandemia.pdf>)

³ "Nota Técnica: Efeitos da Covid-19 na Economia da Cultura no Brasil" (<https://cedeplar.ufmg.br/noticias/1235-nota-tecnica-efeitos-da-covid-19-na-economia-da-cultura-no-brasil>).

Como é próprio da lógica da acumulação, os cálculos que se destacam são os dos prejuízos empresariais e o peso estatístico disso dentro dos resultados macroeconômicos. No entanto, a lei geral da valorização do capital é clara em indicar que, quando as empresas sofrem perdas, o revés devastador se reflete na base dos trabalhadores. Enquanto os artistas de renome e produtores e empresários culturais contabilizam os lucros inviabilizados e se fecham em seus refúgios bem abastecidos, aguardando "dias melhores", uma imensa maioria fora dos holofotes se debate no desespero para conseguir o mínimo para a sobrevivência. São os artistas distantes dos canais midiáticos, os incontáveis operadores técnicos e administrativos que dão suporte fundamental para as produções e os espaços de difusão (cinemas, teatros, museus, centros culturais etc). Para esses, poucos cálculos foram feitos.

Nesse sentido, um levantamento do Observatório Itaú Cultural pode servir como uma lente de aproximação desse universo ignorado. De acordo com a plataforma, em 2019 haviam quase cinco milhões de pessoas ocupadas na área da cultura. Destes, 1.446.233 estavam no estado de São Paulo⁴. Isso permite dizer que, no estado de São Paulo, um contingente de quase um milhão e meio de trabalhadores foi afetado em alguma intensidade pela suspensão das atividades de lazer e cultura. As informações para o município de São Paulo são inexistentes, ou no mínimo desatualizadas. A ausência dessas informações sobre os trabalhadores do setor cultural afetados pela pandemia é uma das principais críticas feitas pelo Fórum de Emergência Cultural de São Paulo, que está mobilizado em torno da execução da Lei Aldir Blanc no município. Stella Cabral, porta-voz do Fórum, afirma que "o maior desafio da implementação da lei é o cadastro e mapeamento dos trabalhadores do setor"⁵. De todo modo, considerando a papel do município dentro da economia estadual, estima-se que quase um milhão de trabalhadores atuem direta e indiretamente no chamado setor criativo (o que engloba majoritariamente a área cultural). É a maior concentração em todo o país⁶.

Ecoando o que se tem visto no mundo do trabalho em geral, o que se percebeu foi um quadro de informalidade e de precariedade que permeia as relações de trabalho nas sombras da produção e do consumo cultural dos grandes centros urbanos. O estudo do Cedeplar, citado acima, identificou

"uma expressiva presença de trabalhadores nos serviços culturais como trabalhadores autônomos. Segundo os dados da PNAD do

⁴ Observatório Itaú Cultural

(<https://www.itaucultural.org.br/observatorio/paineldedados/pesquisa/total-de-trabalhadores-dos-setores-criativos#>).

⁵ <https://www.redebrasilatual.com.br/cultura/2020/09/lei-aldir-blanc-mais-vulneraveis/>

⁶ A estimativa é construída a partir da pesquisa "Panorama da economia criativa no Brasil" (http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2026/1/TD_1880.pdf). Além disso, um trabalho importante, apesar da distância temporal, é o livro CAIADO, A. S. C. (Ed.). *Economia criativa na cidade de São Paulo: diagnóstico e potencialidade*. São Paulo: FUNDAP, 2011.

último trimestre de 2019, esses autônomos representam 73,2% do total de trabalhadores do setor cultural, caracterizando o aspecto da informalidade presente no setor".

Esse predomínio da informalidade faz com que milhões de artistas e demais trabalhadores do setor cultural permaneçam "invisíveis" do ponto de vista dos direitos trabalhistas e das estatísticas, por conta disso não é fácil traçar as condições de emprego e desemprego de maneira fidedigna e precisa. Esse aspecto é ressaltado pela análise da professora Inti Queiroz, produtora cultural e docente em gestão cultural pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Para ela,

"Muita gente acha que o setor cultural é basicamente de artistas. Mas além de artistas e produtores, nós temos técnicos, figurinistas, costureiras, maquiadores, montadores de palco, logística, eletricitas... Existem algumas produções onde a gente tem mais de mil pessoas trabalhando, em um espetáculo como o Fantasma da Ópera, por exemplo. É muito difícil dizer de fato quem trabalha com cultura ou não no Brasil, justamente por ser um setor autônomo com muita dificuldade de ser reconhecido como um trabalho".⁷

E na falta da fria informação estatística, alguns testemunhos fornecem a matéria candente da realidade. O relato de Rogério Silveira, que atua no processo de montagem de luz dos ambientes e na construção de refletores alternativos em eventos de rua e para bandas musicais da cidade de São Paulo, é muito ilustrativo da condição de desvalorização dos trabalhadores que atuam nos bastidores.

"O trabalhador da cultura já tem um processo de precarização e de muitas vezes jornada dupla, tripla, em que a gente tem que participar de trabalhos, exercer trabalhos para uma remuneração, uma vez que nosso trabalho principal não cobre toda a nossa despesa. Agora no período de pandemia, a gente tem que se virar para trabalhar em diversas áreas para conseguir cobrir esse rombo no orçamento"⁸

Com todos os eventos cancelados, Rogério tem prestado pequenos serviços de manutenção e de entrega. Sem registro ou qualquer outra formalização, sua identidade profissional é indistinta e irrelevante para os órgãos públicos. O caso do músico Misael Marcelino se soma ao de Rogério. Ele foi localizado com a família em uma ocupação na região da Rodovia Imigrantes durante reportagem do SPTV (Rede Globo) sobre uma ação de reintegração de posse. "Sou músico

⁷ Entrevista feita em 31/08/2020 via telefone.

⁸ Entrevista realizada por whatsapp em 27/08/2020.

profissional, mas, com o Covid, 70% da minha renda foi embora. Evento, casamento... Por isso a gente teve que ocupar este espaço, que estava sem utilidade"⁹.

Já a bilheteira Cândida Severiano, casada e com um filho recém-nascido, foi obrigada a buscar um emprego temporário como empacotadora em um supermercado da zona sul. "As coisas não ia bem, disse ela, mas ainda tinha uns trabalhos que davam uma esperança". Mas desde que foram proibidas todas atividades em público, o cinema na região central em que trabalhava teve que dispensá-la. "Como o contrato era somente no boca a boca, não recebi nada e fiquei sem saber quando vai pintar algum trabalho."¹⁰

Há também o caso exemplar do profissional que é impelido a colocar à venda seu instrumento de trabalho para obter o sustento. Foi o que ocorreu com o violonista Luis Felipe de Lima, que anunciou seu violão de 7 cordas por R\$ 12.000,00. "Eu fico mais pesaroso com o fato de que a venda do violão vai servir para pagar juros bancários, e não para fazer um pé de meia. Não é nem de perto o que eu preciso."¹¹

Esses são exemplos da situação de deriva a que foi relegada a classe trabalhadora das artes e espetáculos. Essas pessoas vivem a quarentena numa espécie de limbo institucional e em total incerteza quanto ao retorno dos eventos culturais.

Nesse contexto, a liberação oficial da reabertura de cinemas, teatros, shows e afins é apenas um dos problemas que o setor enfrenta, e talvez o menor. Os maiores desafios serão o custo de readequação, a limitação compulsória do público e, principalmente, a disposição (financeira e psicológica) das pessoas para voltarem a frequentar os espaços culturais de grande concentração.

Sobre a demanda por atividades culturais, uma pesquisa realizada pelo Observatório do Turismo, vinculado à SPTuris, não traz um prognóstico muito otimista. Diante da pergunta "Como você imagina que será o seu comportamento em relação aos locais públicos quando reabrirem?", 46,2 % dos entrevistados afirmaram que "não querem sair por um tempo". Com relação aos eventos culturais públicos, como Virada Cultural e Carnaval, 41,6% responderam que não participarão e outros 10% disseram que "só irão a eventos pequenos"¹².

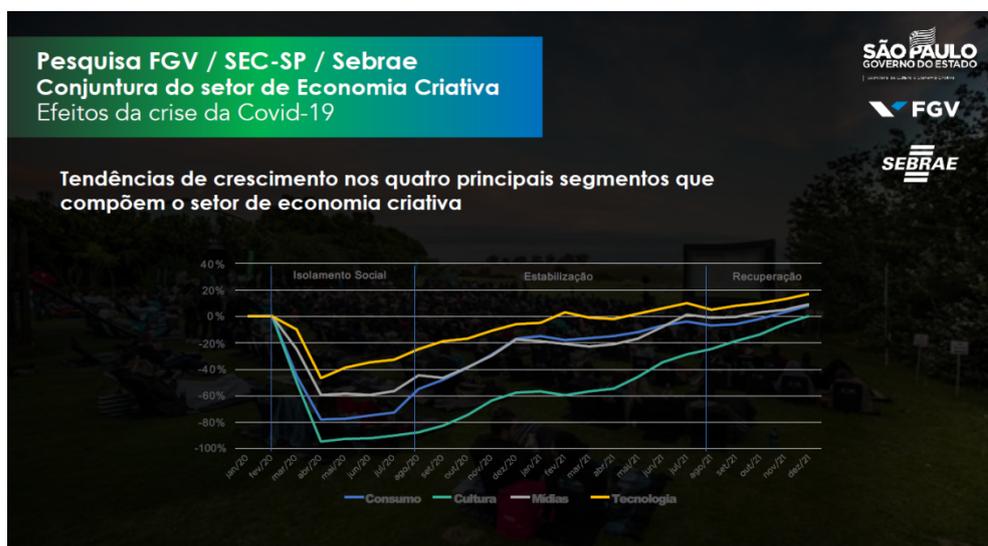
⁹ Reportagem exibida em 18/08/2020. <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/08/18/pm-acompanha-reintegracao-de-posse-em-diadema-e-moradores-protestam.ghtml>

¹⁰ Entrevista realizada por whatsapp em 27/08/2020.

¹¹ https://www.ovale.com.br/_conteudo/viver/2020/05/104827-luis-filipe-de-lima-poe-a-venda-seu-violao-de-7-cordas-e-escancara-crise-do-musico-brasileiro.html

¹² A São Paulo Turismo (SPTuris), por meio do Observatório de Turismo e Eventos (OTE), realizou um levantamento identificando como a pandemia afetou o modo de viver na cidade e apontando impactos no turismo, gastronomia e cultura, entre outras áreas.

Portanto, o horizonte do setor cultural é turvo e não parece nada promissor. O gráfico da pesquisa FGV/SEC-SP/Sebrae, citada acima, é eloquente em apontar que o setor cultural será o que levará mais tempo para retomar seu nível de atividade pré-pandemia.



Considerando que o consumo cultural já não ia bem no Brasil¹³, não é difícil antever um grave cenário com a retração econômica mais ampla, a redução salarial e o desemprego generalizado que se avizinha. Como se sabe, nos momentos críticos, a cultura é a primeira a ser afetada. Adicione-se a isso a ascensão, no plano institucional, de uma vaga política adversa à produção cultural e o que se verá é um ambiente ainda mais árido para a reabsorção de artistas e trabalhadores da cultura. A pandemia não apenas acirrará as disparidades, que já são gritantes, como apartará ainda mais o mercado de bens simbólicos da maioria da população. Restará o refugio para o deleite de uma massa ignara venal e embrutecida pela voracidade do capital desacorrentado.

Para além desse impacto sócio-econômico, não é exagero afirmar que as mudanças societárias, advindas com as novas exigências sanitárias, vêm imprimindo alterações formais nas condições de produção e de circulação culturais que estão prestes a redefinir o estatuto da obra cultural e da sensibilidade estética. Alguns presságios surgem de esgueira.

(http://www.observatoriodoturismo.com.br/pdf/A_Vida_no_Centro_A_pandemia_e_a_cidade_de_S%C3%A3o_Paulo.pdf). Por enquanto, é uma das raras enquetes sobre o comportamento com relação ao consumo cultural em São Paulo.

¹³ Os dados do IBGE revelam um percentual pequeno do orçamento destinado ao consumo de cultura, com o agravante de que isso se dá em parcela minoritária da população. (<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-12/gasto-familiar-com-cultura-revela-desigualdade-diz-pesquisa>)